Uma poiética da pesquisa *

Christine Delory-Momberger*

"Inexiste método a priori para fazer com que Colombo descubra que não descobre as Índias ou o Japão."

René Lourau, Actes manqués de la recherche

"O mundo é um ovo do qual eclode a galinha que o põe."

René Lourau, Implication-Transduction

Aproximando transdutivamente estas duas citações de René Lourau – em que a primeira questiona a natureza da atividade de pesquisa (ato que sempre comporta sua falha?) e a segunda resolve, através do surrealismo da escritura, a aporia das causas primeiras (o ovo ou a galinha?) –, não pretendemos ter achado o *ovo de Colombo* de uma obra que ainda espera por seus leitores; porém desejamos indicar o que constitui, para alguns de nós, um dos germes maiores de seu desenvolvimento: a interrogação que ela porta, em conjunto, sobre o ato de pesquisa e sobre as formas (lógicas, escriturais), através das quais este se constitui e se dá a conhecer. Parece-nos que as obras de René Lourau, de forma progressivamente mais clara ao longo do tempo, apresentam-se como uma *poiética* da pesquisa, isto é, como uma teoria da pesquisa encarada como *ato de criação*. Em paralelo, nos parece igualmente que seus *escritos*, em acordo com a poiética que expõem, tendem a (ou tentam) restituir, no trabalho de escritura, o caráter vivo das operações e as produções de forma que interrogam e descrevem. Sendo assim, de uma maneira muito pongiana¹, a obra de René Lourau constitui, ao mesmo tempo e no mesmo ato, uma obra de pesquisa e uma obra de escritura. A partir daí, não surpreendem as dificuldades da leitura que ela suscita e, propriamente falando, o escândalo que constitui.

A literatura como intertexto

Aos olhos dos leitores, a formação literária de René Lourau transparece no leque extremamente amplo de sua *biblioteca* que, ao lado das referências esperadas do sociólogo e do politólogo, o fazem convocar e citar autores clássicos e modernos, com marcada predileção por alguns deles: Montaigne, Pascal, Balzac, Poe, Nerval, Lautréamont, Tzara, Breton, Artaud, Michaux etc. “Fui formado primeiro – reconhece – pelo suporte literário, pelo romance, pela poesia e pelas transgressões calculadas da separação de gêneros que, depois de Lautréamont, dada e o surrealismo oferecem”.² Como se vê, esta presença da literatura se inscreve imediatamente em um dispositivo político que faz da *escritura* o lugar de uma insurreição (instituinte) da palavra contra as formas instituídas da língua, incluindo a literária (gêneros, códigos). Lembrar-nos-emos que René Lourau, modificando seu primeiro objetivo de tese a partir do contato com Henri Lefebvre, inicia sua carreira de sociólogo com uma pesquisa socio-histórica sobre o surrealismo e as vanguardas (dada e situacionistas), que vem de encontro a suas inquietações. Essa *conversão* à sociologia, longe de se traduzir em um abandono das problemáticas literárias, permite-lhe, ao contrário, lançar sobre elas um olhar mais incisivo, iluminando as *implicações* socio-históricas da criação literária e restituindo, à questão da *escritura*, sua dimensão subversiva:

Outras tentativas do vanguardismo literário me obcecaram: liberdade arrogante das prosas de Lautréamont e Alfred Jarry; autodissolução dadaísta do sentido em Tzara e Ribemont-Dessaignes; “*lâchez-tout*” controlado de algumas prosas surrealistas; método paranóico-crítico de Salvador Dalí; música serial de alguns livros de Malcolm de Chazal; predisposição genial à ruptura de Henri Michaux etc. Mais tarde, nos escritores da *Beat Generation*, apreciei o texto entrecortado pelo contexto na técnica do *cut-up* (...).³

Além do mais, o interesse que não cessou de levar René Lourau ao surrealismo e arredores é comparável à dimensão de ruptura,

simultaneamente política e poética, que conduziu André Breton e seus amigos a se revoltarem com igual violência contra a instituição estatal e contra a instituição literária, e a procurar na escrita automática, no sonho e no acaso objetivo as vias de uma lógica ainda inaudita, que Breton denomina “funcionamento real do pensamento”.⁴

Assim, muito além do que poderia ser meramente uma abordagem sociológica do campo literário ou o exercício de uma paixão privada sem incidência profissional, a questão da escritura vai promover, no sociólogo René Lourau, uma reflexão metodológica e epistemológica fundadora. A literatura constitui, para ele, um campo de *transdutividade* extremamente fecundo que dá *inflexão* particular a seu trabalho socioanalítico e lhe permite atualizar noções-chave (em particular, as de *implicação* e de *transdução*): no mesmo sentido em que Bachelard, evocando a chama da vela, fala de “operadores de imagens” que “chamam pelo sonho”,⁵ para René Lourau os textos literários são *operadores de conceitos* que despertam a imaginação socioanalítica.⁶ Todavia, se a literatura pode desempenhar esse papel, é por ser, para Lourau, o lugar de uma prática experiencial e experimental, conduzida tanto de modo exemplar (didaticamente) quanto por conta própria (para seu próprio gozo e risco): prática de leitor que, *tecendo* e fazendo *ressoar* entre si os textos, se torna escritor das próprias leituras; prática de escrituração que procura encontrar, no ritmo do traçado das letras e na atualização do *extra-texto* que trabalha as implicações do pesquisador, o movimento e o *ignorado* da pesquisa em ato.

Na qualidade de reservatório infinito de formas de escritura, pois jamais cessa de interrogar a relação da forma com o sentido, a literatura constitui, por conseguinte, o *intertexto*⁷ contínuo e obstinado de uma obra. Segundo os momentos desta obra, desenvolve-se em sua presença explícita, em suas imediações ou em sua ausência, mas aí encontra sua *dobra* singular, sua *implicação* fundamental.

A escritura e a pesquisa/A escritura da pesquisa

O que ensina a literatura? Que não há inocência do Verbo. Que não há transparência da escritura, que nada há de natural ou evidente no enunciado. Que toda palavra, falada ou escrita, é uma tensão particular entre a vontade de dizer – a força do significado – e a matéria da língua – as formas do significante. Melhor ainda: que toda forma *força* o sentido, que do trabalho do significante depende a produção do significado ou, nos termos de Meschonnic, que a escritura engendra, indissolivelmente ligadas, *formas-sentido*. Que escrever, conseqüentemente, é fazer a escolha, consciente ou não, explicitada ou não, de configurações particulares, que decorrem de gêneros e códigos estabelecidos ou os transgridem:

O laboratório histórico da literatura mundial, das *Mil e uma noites* a Joyce, embora só tenuamente acessível a cada um de nós, oferece – àqueles cujo ofício, definido por Mallarmé, é finalmente o de transformar o mundo – uma escolha muito rica de modos de escritura.⁸

A escritura erudita, tanto no caso das ciências exatas como no das ciências humanas, não escapa a esta *fábrica* do sentido pelo trabalho do significante, mesmo que nela pareçam prevalecer uma objetividade da enunciação, uma transparência do enunciado:

Segundo que modo escrevo, seguindo as regras de que gênero? Será insensato levantar tal questão nas ciências do homem? Uma visão puramente instrumental da escritura já é um *parti-pris* de neutralização, de recusa deste ato tão pouco banal – socialmente *tão* implicado – de escrever submetido ou insubmisso ao instituído. A falsa evidência de que haja um único campo de escritura para o relatório de pesquisa ou a conceptualização nas ciências do homem nos faz rir.⁹

É na questão da escritura que se vem articular a noção-chave da implicação, a qual, como sabemos, é cada vez mais central em uma obra que se apresenta, de maneira crescente, como socioanálise do ato de

pesquisa. Esta noção tem sua fonte primeira na interrogação sobre a *escritura da pesquisa* – na sua relação de *encomenda* quanto à instituição universitária, científica, editorial – e, através dela, sobre a construção do *objeto científico* e sobre a *lógica* em ação na atividade de pesquisa. Dentre as múltiplas formulações dessa questão por René Lourau, escolhemos aquela em que a frase nos parece particularmente significativa:

A relação à exposição final, transmissível e/ou publicável, direito de entrada na cidade científica, [é] de tal forma interiorizada em suas normas institucionais que chega a determinar, por retroação, os procedimentos de investigação e de coleta de dados. Não é suficiente dizer: 'Só vejo o que quero ver'. É necessário acrescentar: 'Só vejo o que quero escrever'.¹⁰

Formalizada em outro lugar sob o nome de *efeito Goody*, a ligação aqui afirmada entre a escritura final e o campo de observação submete à *razão gráfica* o olhar do pesquisador, a construção do objeto de pesquisa e a relação observador-observado.

Tal como é colocada nas ciências do homem, a questão da escritura reenvia, de fato, a um questionamento quádruplo e complementar: socio-político (análise da instituição), metodológico-epistemológico (análise do modelo lógico e epistemológico), lógico-semântico (análise de formas e discursos) e psico-existencial (análise de implicações). Consoante os momentos de sua obra, René Lourau privilegiou tal ou qual desses aspectos, mas, sem dúvida alguma, tendeu progressivamente a uni-los e a mostrar sua interdependência constitutiva:

Existe um *continuum* entre a questão da escritura (exposição dos resultados) e a do ato social de pesquisa. Este último acredita estar legitimado pela ciência, quando o é, antes, pela instituição, pela escritura erudita entre outras. Excluído o tipo de sábio louco criado pelo romance *noir* – o Frankenstein de Marie Shelley, ou o Balthazar Claës de Balzac em *La recherche de l'absolu* –, a maioria dos pesquisadores procura algo diverso da verdade. Ao final da vida

alguns o percebem, conforme mostro em *Actes manqués de la recherche*, PUF, 1994.¹¹

É precisamente no posfácio desta última obra que René Lourau desenvolve de modo mais conseqüente sua reflexão sobre a escritura: problematizando a implicação¹² do pesquisador no ato de pesquisa, opõe a lógica linear, unidimensional, da “linha reta da narrativa” – exatamente a da escritura erudita quando oculta as implicações institucionais e pessoais do pesquisador –, a uma outra lógica, serial, descontínua, seduzida pelo fragmentário e pelo inacabado, que tenta dar conta dos estratos implicacionais: “Sem pretender virá-las do avesso como uma luva, podemos agitar as arquitevidências retóricas do texto institucional, a fim de que as condições reais de nosso trabalho possam ser formuladas no corpo do texto”.¹³ Práticas como a escrita automática, a escrita serial de Fourier e de Proudhon, a escrita diarística ou ainda a técnica do *cut-up* dos escritores da *Beat Generation* podem servir, se não de modelos, ao menos de pontos de referência na busca de uma *textualidade* que responda à dimensão implicacional e transdutiva do ato de pesquisa e à lógica serial, paradigmática, do trabalho conceitual. René Lourau toma emprestado à lingüística e, em particular, a Roman Jakobson, o modelo teórico que lhe permite dar conta da *espessura* da atividade escritural de pesquisa, ocultada pela falsa aparência *linear* do discurso erudito: trata-se de passar da “horizontalidade do eixo sintagmático (as palavras associadas em frases, as frases em parágrafos, os parágrafos em texto) à verticalidade do eixo paradigmático, burburinho de sinônimos e antônimos entre os quais, por eliminação, a linguagem se constrói”.¹⁴ O texto institucional gostaria de fazer crer que não há *contexto*: ele se oferece como pura horizontalidade, como se decorresse de A a Z – quer dizer, entre um começo absoluto e uma realização última – a sucessão linear, contínua e ordenada (sintagmática) de seu curso. Ao mesmo tempo, impõe uma representação da pesquisa como atividade *autônoma* (que cria sua própria lei) e *abstrata* (desvinculada das realidades da instituição, da história e da psiquê), obediente a um processo lógico linear, não-

contraditório e dominado *tintim por tintim*. Qual a literária, a escritura de pesquisa (e, portanto, a própria pesquisa) não é construída segundo a linearidade abstrata de um vetor matemático. Assim como a função poética é definida por Jakobson como a projeção do eixo paradigmático sobre o sintagmático, uma poética da pesquisa deve levar em conta a *espessura* e a *opacidade* que os fatores contextuais e implicacionais projetam sobre o processo heurístico e sobre sua textualização. É a verticalidade do eixo paradigmático – eixo da seleção na espessura fonética, léxica, semântica da língua – que René Lourau confia o encargo de representar a carga implicacional que o discurso unidimensional dissimula, e é a partir dessa verticalidade que interroga a capacidade da análise institucional para inventar novas formas de escritura:

Tal é a problemática que, para minha surpresa, suscita minha pesquisa. Meu discurso, relativamente clássico – conquanto parcialmente serializado, dessintagmatizado – sobre os atos falhos da pesquisa testemunha, por ser muito clássico, *um fracasso da profecia da análise institucional*. Este fracasso está inscrito na própria profecia. É o fracasso da profecia do fracasso, o elemento contraditório na teoria da implicação, incapaz, até o momento, de integrar as implicações da teoria em uma nova escritura.¹⁵

“A inquietante intimidade da pesquisa”: escrever a implicação?

O último escrito de René Lourau de que atualmente dispomos é dedicado ao sonho, mais exatamente ao *sonhar*, apresentado-se como uma *enquete sobre a lógica*.¹⁶ O propósito é restituir o sonho ao sonho, subtraindo-o ao raptó e ao roteiro por cortes da interpretação, a fim de mostrar, ao contrário, que “é o sonho que nos analisa”:

O *parti-pris* assim enunciado se refere a uma teoria da *implicação do pesquisador* no que ele pesquisa e na situação de pesquisa. O sonho não é redutível a uma mensagem em código – a decodificar – nem a uma esplêndida criação poética, tampouco a uma pura

função fisiológica (...): ele é um *analisador* de nossa individuação, da construção permanente de nós mesmos. Sugere a existência, no sentido forte do termo, de uma outra lógica (...), uma lógica em ato, não discursiva, em interferências frequentes com a lógica dita racional e, no entanto, irreduzível a todas as lógicas que os diversos delírios de interpretação supõem, cubram-se eles ou não com a máscara da lógica classificatória.¹⁷

Em sua análise do sonhar, René Lourau retoma os eixos de reflexão e as noções elaboradas no diálogo entabulado com as obras de Gilbert Simondon e de Jacques Ravatin:¹⁸ a crise do objeto desenvolvida em torno da noção de objeto fenista, o processo de individuação e as noções de localização/deslocalização e de globalização, o modo de constituição de um outro campo de coerência e as noções de meta-estabilidade e de transdutividade. Aqui não é o lugar para tratar em detalhe dessas questões, mas todas elas remetem à questão central da *outra lógica*, interrogando, por seu turno, a possibilidade de uma *outra escritura*. No primeiro número de *Cahiers de l'implication*, René Lourau havia fixado, através de uma fórmula vigorosa, os contornos dessa problemática: "A implicação enunciada na escritura convida a jamais deixar de lado o problema da escritura da implicação".¹⁹ Em seguida, desenvolvera o conceito de escritura fenista:

A escritura fenista é um trabalho ora agradável ora angustiante para deslocalizar as funcionalidades aparentemente óbvias do texto institucional (...). Como as narrativas de sonhos – narrativas segundas de eventos não observáveis e não reproduzíveis, situados em um outro campo de coerência –, a escritura fenista é, primeiramente, o uivo silencioso da ausência que mostra sua cara todo santo dia.²⁰

De maneira cada vez mais decidida, a obra de René Lourau aceitou o risco dessa escritura da implicação e dessa deslocalização de funcionalidades institucionais. Como sabemos, é através da feitura e da publicação de diários que acompanham a concepção e a redação de seus

livros que ele assume inicialmente o encargo de dar conta “da inquietante intimidade da pesquisa”²¹. Esta intimidade não é apenas narcísica e autobiográfica, pois reenvia ao canteiro da pesquisa, a essa confusão de materiais, intuições e ressonâncias que forma o cotidiano do trabalho conceitual – cotidiano ao mesmo tempo repetitivo e constantemente entrecortado, que aproxima a escritura do diário da escritura serial e do cut-up.²² Intercalados entre os capítulos ou colocados no fim do livro, os fragmentos de diário permitem fazer justiça ao extra-texto – ou seja, ao que é reputado como não tendo lugar dentro do texto, ao que é rejeitado como demasiado íntimo, sem interesse, ilegítimo – e visam a produzir, na relação com o texto, efeitos de contigüidade, de sobreimpressão, de “colocação em abismo”, quebrando a linearidade textual e restituindo à pesquisa seus desvios e sua espessura. Em seus transbordamentos intimistas, o diário oferece elementos para responder à pergunta “como ocorre a pesquisa?”:

*Ele exprime a dinâmica de qualquer descrição centrada no que se passa no ato de pesquisa entendido como prática social, eminentemente questionante, problemática. Transbordamento, risco de contaminação. Contaminação através de quê? Das relações sociais muito concretas que organizam (e são organizadas por) todo ato de pesquisa? Contaminação pelo funcionamento real da intelligentsia? Pelas pequenas fraquezas dos ‘eruditos’? Por seus corpos? Por sua paixão por escrever, publicar, despertar admiração, existir no mercado cultural ou ideológico? Por seu pendor, freqüentemente inconfesso, pela escritura, pela criação, pela estética, pela literatura?*²³

Permitindo aproximar, ao simplesmente justapô-los, fatos, idéias, noções e referências pertencentes a domínios muito afastados uns dos outros; não se destinando a travestir o material bruto, a ordenar as transições e os vínculos nem, de modo algum, a polir o processo do pensamento, apagando as impurezas e as “engrenagens”, a escritura diarística, além do mais, nos remete a uma imagem do ato de pesquisa se

não transparente, ao menos significativa: além da implicação do pesquisador, ela torna visível, em particular, a dimensão transdutiva do processo criativo da pesquisa, que não procede de maneira linear e contínua, mas segundo uma lógica da relação passo a passo a partir de um centro ou de um "germe", indo de encontro tanto ao processo germinativo da criação literária quanto à lógica do *sonhar*.

É bem esse o projeto perseguido por René Lourau no trabalho sobre as formas que acompanha suas obras, ou melhor, que constitui a própria matéria das mesmas e através do qual ele cria uma relação *mimética* entre a forma da obra e seu objeto teórico. Apressemos-nos em acrescentar que essa *mimesis* não é gratuita nem passiva, tendendo, isto sim, a produzir uma *forma-sentido* em que, como no texto poético, fundo e forma são indissociáveis. Mas à função estética que é, principalmente, a função do poema, corresponde aqui uma função tanto heurística quanto didática: retomando e exibindo o processo, trata-se de entrar no laboratório da pesquisa se fazendo, de aceder a uma *pesquisa da pesquisa* e, conseqüentemente, de estabelecer a *poiética* da pesquisa (teoria da pesquisa como criação), experimentando uma *poiesis* (uma criação em ato).²⁴

O diário, cuja prática, em René Lourau, tem origens literárias claramente reconhecidas, não constitui o único recurso para um modo de escritura diferente, pois entra em combinação com outras formas e experiências escriturais. Uma das mais antigas, certamente, é a da *série*, que o leva a acompanhar um mesmo tipo de objeto ou de tema numa recensão que apela, ao mesmo tempo, à repetição e à variação: este princípio de escritura serial, onde reencontramos o eixo vertical do paradigma, está presente em *Autodissolution des avant-gardes*, com seus quarenta manifestos de autodissolução (*Quarenta pequenas negações muito simpáticas*)²⁵ e em *Le Journal de recherche*, onde a aproximação ao objeto é efetuada sob diferentes variantes (etnológica, sociológica, filosófica, profissional etc.), completando-se, ao final, com o próprio diário do autor (*Fragmento do diário deste livro*), que reflete, por sua vez, o

trabalho desenvolvido em torno dos diários de pesquisa e a implicação do autor em tal pesquisa.²⁶ É ainda uma construção serial que encontramos na base de *Actes manqués de la recherche*, onde a noção-título é paradigmaticamente experimentada em uma *adição* (mais que em uma sucessão) de estudos consagrados a Dewey, Auguste Comte, Lévy-Bruhl, Freud, Flaubert, Artaud, desta vez entrecortados por *Fragmentos de diário*.

Mas é certamente em *Implication Transduction* que René Lourau leva mais longe seu projeto de *escritura* da pesquisa; ali, desde o início, afirma a pregnância da *forma* no empreendimento de escritura e a maneira pela qual, cavando um caminho, ela encontra seu registro, seu andamento, seu modo de proliferação:

A forma destes poucos textos está implicada na intenção de escrevê-los. Muito aquém das motivações e da subjetividade, a intenção se elabora sob o efeito de ondas de *forma*, à medida que esta última, de início debilmente justificada, se impõe pelo *parti-pris* de textos curtos, pela velocidade relativa da escritura e, decerto, pela liberdade do gênero para-musical que é a 'variação' sobre um tema.²⁷

Implication Transduction é composto de duas partes, cujos títulos têm valor programático no campo da escritura (por mais que o título da segunda parte seja um tanto enigmático): *Dez variações em escritura transdutiva*, para a primeira parte; *Nipponites mirabilis - Escritura diarística*, para a segunda. Face à serialidade, sempre esperada em função da rigidez da retomada *nos mesmos termos*, a variação fornece a modulação, o jogo com a velocidade e, sobretudo, a progressão do movimento. A variação é, por definição, transdutiva:

As três primeiras variações falam das contribuições, a minhas próprias pesquisas, de autores que há algum tempo me fazem sonhar: intertexto de base, fornecido em *exergo* da primeira variação e que, explícito ou em *palimpsesto*²⁸, se propaga ao longo das dez variações. Constatar-se-á que esta técnica procura materializar o

procedimento transdutivo.²⁹

Sendo assim, o “motivo” dessas dez variações, tanto como os temas que as atravessam e nelas se entrecruzam (a individuação, os campos de coerência, o local e o global, o objeto, a implicação e também a vida e a morte...) ao sabor das leituras (Lupasco, Simondon, mas igualmente Balzac, Fourier, Poe, Bachelard, Jean-Pierre Faye etc.) e dos encontros (Jacques Ravatin, Jacques Benveniste), não é outro senão esta travessia e este próprio entrecruzamento. A variação é o verdadeiro tema da variação, e aqui se revela o que talvez seja a estética de René Lourau: nem um pensamento da arte pela arte nem um pensamento da arte a serviço de uma teoria, mas um acesso às “forças imaginantes que produzem os germes onde a forma é cravada em uma substância, onde a forma é interna”,³⁰ ou seja, uma apreensão do movimento profundo do pensamento criador, simultaneamente força e forma – força dotada de forma, forma que impõe sua força. Se fosse preciso oferecer uma imagem plástica dessa forma interna à matéria, talvez pudéssemos evocar os mármores de Michelangelo (em particular, os quatro *Escravos* da Academia de Florença), nos quais as formas parecem surgir de uma impulsão da pedra bruta, ou ainda o quadro de *Chef d'oeuvre inconnu* de Balzac, freqüentemente evocado (invocado) em *Implication Transduction*, no qual um pé de mulher absolutamente perfeito emerge de um amálgama de traços e cores.

O diário que compõe a segunda parte da obra – colocado, explicitamente, no mesmo plano da primeira (e não em anexo ou em apêndice) e cujo volume representa mais do que o dobro desta – é apresentado sob o misterioso título *Nipponites mirabilis*. O exergo tomado a Eric Duyckaerts em *Hegel ou la vie en rose* revela que sob este nome erudito se esconde um molusco, mais precisamente um amonite³¹, que “não se contenta em avançar em espiral logarítmica, mas se enrola sobre si mesmo em todas as direções”:³² admirável símbolo da escritura diarística e de sua dimensão eminentemente transdutiva. Encontram-se

no diário, misturados a fragmentos autocensurados do cotidiano biográfico, os temas, as leituras e os “personagens” das *Variações*, apreendidos na descontinuidade e na repetição do curso temporal da pesquisa. Contudo, não obstante as duas partes sejam formalmente distintas, parece que entre elas se operam trocas e que a relação metaestável instalada entre uma e outra é, para utilizar o termo de Breton, a dos *vasos comunicantes*: o “intertexto autobiográfico”³³ está presente nas *Variações* e a exposição elaborada não está ausente do diário. Através desse enfraquecimento dos respectivos estatutos, instala-se uma perturbação de *gêneros* (do *bom* e do *mau*), cuja intenção instituinte claramente assumida, tendo por alvo o caráter impositivo da razão gráfica, visa a propor as vias – elas mesmas eminentemente metaestáveis e sempre a refazer – de uma *escritura da pesquisa*.

Em 22 de novembro de 1993, René Lourau reconhece o que denomina *seu* ato falho: o esquecimento e a redescoberta tardia da teoria transdutiva em um texto de Henri Lefebvre.³⁴ Assim, ele mesmo fecha, transdutivamente, o círculo: do verão de 1962 quando, jovem estudante em tese, cativo da Literatura e apaixonado pelo surrealismo, encontra Henri Lefebvre, até a releitura, trinta anos mais tarde, de *Logique formelle, logique dialectique* (1947, 1969), onde encontra, naquele que foi seu mestre, o “germe” do que será o resultado de sua própria reflexão sobre a pesquisa. Bem se poderá ver nesta “anedota”, em que o acaso objetivo, a implicação e a transdução desempenham cada qual o seu papel, uma parábola concreta da poética da pesquisa que tentamos reconhecer em sua obra.

* Artigo publicado na revista *Pratiques de Formation-Analyses*. “René Lourau: analyse institutionnelle et éducation”, nº40, nov/2000. Tradução: Paulo Schneider. Revisão técnica da tradução: Heliana de Barros Conde Rodrigues e Sonia Altoé.

** Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Paris 13.

¹ N. do T. Referência a Francis Ponge (1899-1988), poeta francês que teve breve relação com o movimento surrealista e cuja obra procura descobrir as qualidades dos objetos mais cotidianos por meio de imagens ou jogos de palavras, relacionando-os com os sonhos e a realidade.

² LOURAU, René. *Actes manqués de la recherche*. Paris: PUF, p. 21.

³ LOURAU. Op. cit., p. 229.

⁴ Que se julgue pela seguinte citação de Aragon, onde igualmente será encontrada uma definição bastante concreta da implicação do escritor: "O homem que se põe a escrever não se encontra em uma câmara pneumática onde se produz o vácuo. É um homem que come, que tem frio ou calor, que assoa o nariz, a quem o telefone incomoda. Ele se levanta e anda e se vê no espelho, e morre de rir por causa de uma pequena ruga perto de seu nariz e, no entanto, não é engraçado envelhecer e ele se acalma e escreve na folha em branco que nada preparara para essa frase: 'Claudine, com seu ar de não-me-toques, fazia, no pequeno vilarejo, o efeito de um arco-íris no pampa...'. Louis Aragon, "Un roman commence sous vos yeux", in *Oeuvres romanesques complètes*, tome II, Paris, Gallimard, Col.". Bibliothèque de la Pléiade.

⁵ BACHELARD, Gaston *La flame d'une chandelle*, 1961, citado por René Lourau, *Implication Transduction*, Anthropos, 1997, p. 53.

⁵ No texto a seguir temos o exemplo do diário que forma a segunda parte de *Implication Transduction*. Segunda-feira, 13 de junho de 1994, Proust é citado como "a melhor introdução à transdução": "*Albertine disparue*, p. 227, transdução: "...substitutivos de prazer tomando o lugar um do outro em degradação sucessiva (...) que, separados uns dos outros por nuances indiscerníveis, fazem de nossa vida como que uma seqüência de zonas concêntricas, contíguas, harmônicas e degradadas, em torno de um desejo primeiro que deu o tom, eliminou o que não se fundia com ele, espalhou a tinta-'mestra'". E René Lourau comenta: "Existe tudo: degradação sucessiva, o que quer dizer defasagem; zonas contíguas, ou seja, propagação pouco a pouco; em torno de um desejo primeiro que deu o tom, ou melhor, o centro do processo transdutivo, o gérmen; eliminou o que não se fundia com ele, logo potencialização ou implicação negativa; e a tinta-'mestra' faz pensar na forma 'mestra' em Montaigne (...)". *Implication Transduction*, Paris, Anthropos, 1997, p. 157.

⁷ Citamos a seguir a definição deste termo dada pelo próprio René Lourau no léxico das palavras-chave que se segue ao artigo "L'écriture phéniste" na revista *Les Cahiers de l'implication*, n°1, inverno 97/98: "Não há texto escrito que não faça ouvir inumeráveis outros. Estes textos presentes/ausentes são ensurdecedores, em diversos graus, na paráfrase, no plágio, no pastiche, na paródia, por ausência de referência ou de indicação de citação (ou de reprodução!). Na narratologia, o conceito de intertexto faz parte de um conjunto que compreende também o texto, o extra-texto, o para-texto, o pre-texto (e o hipertexto dos multimídia)."

⁸ LOURAU, René. *Actes manqués de la recherche*. Paris: PUF, 1994, p. 230.

⁹ LOURAU, René. "L'écriture phéniste", in: *Les Cahiers de L'implication*, n°1, inverno de 97/98, pp. 123-124.

¹⁰ LOURAU, René. "Matériaux d'une théorie de l'implication", in: *Le journal de recherche*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1988, p. 15.

¹¹ LOURAU, René. *Implication Transduction*. Paris: Anthropos, 1997, p. XIX (Avertissement).

¹² Em outras contribuições deste número, o desenvolvimento da noção de implicação na obra de René Lourau é retomado. Por nossa parte, reteremos a definição a seguir, em que se revelam a polivalência e a contradição motriz que ele atribui à implicação: "o elemento pessoal, afetivo, que produz e perturba ao mesmo tempo, como forma e força invisível que se esconde e se revela nas contradições de nossos dramas individuais". Em *Actes manqués de la recherche*. Paris: PUF, 1994, pp. 21-22.

¹³ LOURAU, René. *Actes manqués de la recherche*. Paris: PUF, 1994, p. 234.

¹⁴ Idem, p. 230.

¹⁵ LOURAU, René. *Actes manqués de la recherche*. Paris: PUF, 1994, p. 233.

¹⁶ LOURAU, René. *Le rêver, enquête sur la logique* (documento datilografado, 1999).

¹⁷ Idem, p.6.

¹⁸ Particularmente: Gilbert Simondon, *Du mode d'existence des objets techniques*, Paris,

Aubert-Montaigne, 1958, 1969; *L'individuation psychique et collective*, Paris, Aubier, 1989; *L'individuation et sa genèse psychobiologique*, Paris, PUF, 1995; Jaques Ravatin, *Théorie des champs de cohérence*, Nîmes, Lacour éditeur, 1992.

¹⁹ LOURAU, René. "L'écriture phéniste", in: *Les Cahiers de L'implication*, n°1, inverno de 97/98, p. 123.

²⁰ Idem, p. 130.

²¹ René Lourau, "Matériaux d'une théorie de l'implication" in: *Le journal de recherche*, Paris, Méridiens Klincksieck, 1988.

²² *Fragments de journal* em *Actes manqués de la recherche*, p. 48, no domingo de 23 de agosto de 1992: PUF, 1994, p. 234.

²³ *Fragments de journal* em *Actes manqués de la recherche*, p. 48, no domingo de 23 de agosto de 1992: PUF, 1994, p. 25.

²⁴ Do mesmo modo que as melhores *Artes poéticas* não se encontram nos tratados que dissertam sobre poesia, mas nos poemas que a fazem.

²⁵ LOURAU, René. *Autodissolution des avant-gardes*. Paris: Éditions Galilée, 1980.

²⁶ Observemos que nessa obra, ao lado do clássico *Índice dos autores citados*, há um *Índice dos fragmentos do diário*, contribuindo para dar ao diário o mesmo estatuto de cientificidade que ao corpo da obra; em outras palavras, para *incorporar* o diário como uma das dimensões da pesquisa.

²⁷ LOURAU, René. "*Implication Transduction*", Paris, Anthropos, p. XVII (Avertissement).

²⁸ N. do T. É originalmente um pergaminho no qual foram apagados os caracteres anteriores para escrever um novo texto. Na teoria da interculturalidade (cf. G. Genette, *Palimpsestes*, 1981), a noção de *palimpsesto* é empregada para indicar que sempre escrevemos sobre o já escrito (esclarecimento fornecida pela autora do presente artigo, a pedido do tradutor).

²⁹ LOURAU, René. "*Implication Transduction*". Paris: Anthropos, p. XVIII (Avertissement).

³⁰ Gaston Bachelard, *L'eau et les rêves*, Paris, José Corti, 1942, citado por René Lourau, em "*Implication Transduction*", Paris: Anthropos, p. 54.

³¹ N. do T. Molusco fóssil.

³² LOURAU, René. "*Implication Transduction*". Paris: Anthropos, p. 67.

³³ A expressão é de René Lourau.

³⁴ Idem, p. 101.